

PAINEL DOS REPRESENTANTES INDÍGENAS - 26/06/87

Orlando, Índio Baré, Secretário-Geral do FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro); Manoel Moura ou Akitō Índio Tukano de Pari Cachoeira, da aldeia Maracajã, no Rio Tiquiê e Apolônio, Índio Xokō.

APOLÔNIO - Sou Índio Xokō e mesmo se a sociedade envolvente tirou as minhas características, mas não tirou meu espírito de luta.

Nós, membros da UNI, coordenadores do movimento indígena entre 85 e 87, procuramos a consolidação do movimento indígena legítimo, enquanto reconhecido pela comunidade.

Para sermos objetivos, nos últimos dois anos tem havido acompanhamento dos grupos indígenas nas várias regiões do país. Batalhamos pela terra, na interpelação jurídica, garantia dos nossos direitos e contra as iniciativas do governo.

MANOEL MOURA - Os companheiros missionários discutiram sobre seus direitos. Vocês não trouxeram nenhum indígena para discutir com vocês. Estou vendo há quanto tempo vem acontecendo isto. Levamos porrada em Brasília dos Xavantes, quando dissemos que a gente estava fazendo um documento escondido. Não pudemos responder nada. É o que estão fazendo aqui.

Faço pequena crítica ao que vem sendo feito pelos missionários. Li o livro a "Civilização do Uaupés" do finado Pe. Acionílio. Diz no livro que o Índio era guloso. Nossos pais deviam ser gulosos porque queriam experimentar tudo. Quando eu/<sup>era</sup>criança via os pais com aquela batina comprida e as freiras com aquele vestido branco, achava que eles não faziam suas necessidades, que não comiam, que eram agjos.

Eu pediria, queridos missionários, que o papa fosse visitar o povo de Yawaretê, para ver a nossa cultura. Olha, se falo mal, vocês podem me esculhambar. Lá, os missionários trocaram o Deus criador e colocaram um Deus castigador, massacrador. Quando um elemento não prestava, eles mostravam a figura de um diabo preto to que tinha até zagaia na mão.

Mas tudo isso foi bom também para a gente. Eles desenvolveu a idéia, até a gente pegar a linha. Analisando bem, o Evangelho foi bom para nós, pois ajudou a completar a nossa religião.

Atē agora os nossos missionários/manipulados pela Igreja. Tem um exemplo claro; o Pe. Edmar, de nossa região, não está aqui. Na hora certa, o Bispo de Iã manda para onde quiser.

É bom a gente refletir, que a população indígena do rio Negro está nessa situação: a maior parte do jovem não quer mais saber de danças regionais, quer é dançar forró, usar roupa da moda e fazer tudo o que o branco faz. Motivo é porque o minério surgiu na região, onde as grandes empresas estão atuando fortemente, enquanto a demarcação da nossa área não foi realizada.

É bom a gente refletir esse problema. Se a gente recuperar nossa cultura, vamos recuperar um pouquinho. Vamos falar nosso idioma.

Como já coloquei no começo, nossos irmãos Tukano, existem na Colômbia e no Brasil. A população indígena que existe no rio Negro estão um pouquinho mais elevados, graças aos missionários e a todos vocês.

Deixo a palavra agora a meu companheiro.

APOLÔNIO - Para complementar o que os parentes acabaram de falar, vou falar o que estamos fazendo, deixando de fazer e o que estamos preocupados.

O que nos preocupa é essa tal de Assembléia Nacional Constituinte. Os direitos que a gente tem pode ser lesados nessa Constituinte por 500 ou 600 pessoas, que estão falando por 130 milhões de pessoas, fazendo as coisas do jeito que bem entendem.

Cabral quando invadiu o Brasil, não encontrou a gente, mas nossos parentes, nossos troncos. Nós agora somos os ramos e somos as flores que estão se acabando.

Será que não havia nenhum parente para representar a gente na Constituinte? Como se vê agora, o companheiro que fez este documento de última hora sobre a situação indígena, ele tem competência.

Quando a gente começou a levantar essa bandeira, nós fomos acuados. Não fomos reconhecidos por essas comunidades. Já sofremos bastante e continuamos a sofrer. Nós, os índios pensamos voltar a uma terra que seus antepassados perderam, não por covardia, mas para não perder a sua vida.

As lideranças que tem se projetado nessa luta, os larâpios tem passado a mão e levado, como se caça um pássaro. A gente não está cruzando os braços e nem ficamos calados e somos

fuzilados, somos desrespeitados. Imagine se ficamos calados!...

Na semana passada, uma reunião reuniu nove grupos do Nordeste, onde discutimos muita coisa: a terra está invadida, a Funai não tem força para lutar, as lideranças estão sempre manipuladas pela Funai. A culpa é também dos missionários que estão nas áreas e que não instruem os índios de seus direitos. Não é crítica.

Não vamos só rezar. Não precisa ensinar rezar, o índio sabe rezar. O índio tem sua tradição e sua reza. Não precisa ensinar o Pai-Nosso, pois a gente já sabe. Ele tem que ensinar a não deixar que tomem o que é nosso. Dizer para onde seguir e para retomar a terra.

A gente estamos se reunindo cada dia, cada mês, cada ano. O movimento indígena está se reunindo não é de ontem. Já faz tempo que estamos se reunindo. No Nordeste a gente descobriu o caminho que está escuro, cheio de pedra e pau. Mas a gente está fazendo a união dos índios do Sul, do Leste e do Nordeste.

Quando se trata de índio temos que estar unidos. Antes éramos 5 milhões, hoje somos 230 mil índios. No Nordeste há 34 nações. Há muito sofrimento e muita perseguição e aqueles que estão encobertos é porque tem medo de se declarar.

A gente não vai parar, mesmo levando porrada. A caminhada é das nações indígenas do Brasil, sendo ajudado por vocês para recuperar o que a gente perdeu.

Nesta semana fomos chamados pelo Ministério da Cultura. É estranho quando um brasileiro diz que não conhece a vida do índio brasileiro. É estranho quando um ministro diz que desconhece a situação dos índios do Brasil.

O que fazer? Pegar nas mãos dele e dizer: veja nossa situação. A gente fez um documento e entregou para ele. Não era hora de pegar na mão dele e dizer a situação do índio? Mas não fomos com muita sede ao pote. Entregamos um documento, como os antropólogos entregaram um documento.

Então perguntamos quando teríamos uma resposta destes documentos: disse que dentro de 40 dias teríamos uma resposta. Se o encontro não foi bom, mas pelo menos a partir daquele momento, qualquer assunto que passar no seu Ministério, ele não vai procurar a Funai, mas a UNI. Isso foi muito importante.

A gente estamos na luta, queremos o apoio concreto de vocês nessa luta. Estamos dizendo isso ao Presidente e ao Vice do Cimi. A gente não veio perguntar o caminho a seguir,

mas perguntar sobre a situação atual. A gente escolhemos o caminho. Se a gente embarcar nesse barco e se ele furar, vamos afogar todos juntos. Se embarcarmos juntos, não podemos deixar o Índio sozinho, para ele levar porrada e ser massacrado sozinho.

No momento em que discutimos sobre a situação do Brasil, achamos que a Funai já deu o que tinha que dar. Já deu e acabou. Vou deixar uma pergunta: o governo criou uma lei e após cinco anos, a pessoa é dono da terra. Isso é o usucapião. Agora pergunto: há quanto anos as nações indígenas vivem aqui, a gente nasceu e viveu aqui e não tem direito agora?

A gente fica preocupado e perguntamos o que as autoridades brasileiras ficam fazendo. Quando Dom Luciano falou aquilo do Sarney, parece que ele é uma bola, um boneco que é jogado pra aqui e pra acolá. Essa "nova" República só veio trazer desrespeito aos Índios, aos negros, a uma parte da Igreja. Não é toda a Igreja, porque assim como dentro dos Índios, há uma parte da Igreja que trai.

Em Sergipe, o bispo Dom José de Castro deu o apoio e foi ameaçado de morte. Mas o arcebispo de Aracaju, Dom Luciano Cabral Duarte, a única vez que apareceu lá no meio da gente, foi para tirar o santo de nossa aldeia. Tivemos que ser duro e dizer que o santo que estava no meio da gente tinha que ficar lá.

Em dezembro do ano passado, aconteceu quase uma morte, por causa da Funai. Que pai ruim é esse? Diz que a Funai é tutor, será que é? Em Brasília é um major que toma conta da Funai. No Recife só dá militar. Será que a Funai virou quartel?

Como virar essa mesa? A gente tem que ajudar nos seus parentes, conquistar eles e jogar eles nesta luta. A gente não pode se dividir, pois senão vamos entregar nós aos barão.

A gente não estamos cobrando que vocês façam aquilo ou aquilo outro. Estamos pedindo que cada um de vocês faça o encaminhamento. Tive a ousadia de viajar de Aracaju a Brasília, com um revólver numa bolsa. Vim para pedir uma equipe de demarcação. Os fazendeiros da UDR não deixavam demarcar.

Lá na Funai estava o cel. Guadalupe, ficou sabendo e ele quis mi desarmar e não aceitei. Havia um boato que eu tinha duas metralhadoras. Pelo menos fiz zuada. Ficaram apavorado, chamaram a polícia e veio um batalhão de 40 soldados com cachorro e gás lacrimogênio. Aí eu fugi para São Paulo e quando voltei, quando já havia acalmado, aí não tinha mais condição de falar mais do

problema. Até hoje a Funai não apareceu mais lá.

### PERGUNTAS DO PLENÁRIO

Nadir - Uma coisa que achei certo e gostei, foi quando o Manoel disse que se a gente quisesse, podia esculhambar com ele. Ele fica em condição de igualdade, o que é muito bom e a gente fica à vontade também para criticá-lo. Eu acho que só o Orlando não fez uma crítica e não vi nenhum ponto positivo em relação ao CIMI na fala dos dois. O Apolônio não disse como está se dando a luta dos Xokô e como estão organizados.

Apolônio - Eu não vim aqui pra falar sobre o povo Xokô, vim falar da região NE e da região brasileira. Se falei de mim foi para dar exemplo de como as lideranças estão fazendo. Se fosse consultar o povo Xokô, eles não deixariam eu vir armado para Brasília. Eu vinha com pensamento só e não tinha ninguém para mudar de idéia. Eu não fiz crítica ao Cimi. Eu disse que se a gente entrar no barco junto e se ele furar, a gente vai pro fundo. Eu não queria criticar, mas se critiquei, eu não vou pedir perdão, pois de perdão e promessa o povo está cheio.

Manoel Moura - Acho que a moça não entendeu o que falei. Eu de minha parte agradeço aos missionários pois agora estou falando o português e mesmo a minha língua. O restante do povo está aculturado e agradeço aos missionários.

Chico - Hoje cedo D. Luciano disse que o Sarney falou que não havia nada de concreto sobre colônias agrícolas em Pari Cachoeira. Hoje à noite soube que 10 lideranças foram a Manaus para implantação de colônias agrícolas. O que vocês pensam das colônias agrícolas e Calha Norte?

Orlando - Isso é bom para ver o que é uma ditadura militar. Na reunião do rio Negro, nem sequer eu fui convidado. O Conselho de Segurança Nacional quer segurar aquela área com unhas e dentes. Estão comprando lideranças, pagando hotel e dando 135 milhões de cruzados para as lideranças do rio Tiquiê. O Álvaro Sampaio, foi também comprado por um punhado de cruzados para aceitar a colônia agrícola. Quando eu falo, falo em nome de mais de 10 nações. Esta atitude é altamente criminosa. O que estão querendo fazer ali, é um campo de concentração nazista. Quem sofrerão com os resultados, serão os nossos filhos. Quando a gente os procura, eles se afastam.

Estamos fazendo este trabalho com o apoio da Igreja. Como eles colocam está em jogo a terra, aquela que ain resta. Somos mais de 40 mil e estão colocando em risco a vida da gente. São um punhado de "panacas" e não líderes e querem vender a nossa terra. Se eles se recusam a falar conosco, te mos que ir nas aldeias e conscientizar o pessoal. Pedimos a aju da de vocês para realizar isto. Já é tarde demais. Queremos de fender a nossa terra. São um ou dois que estão nessa jogada e quem está por trás de tudo isso é o Conselho de Segurança Nacional.

Quanto à Assembléia realizada em fim <sup>que</sup> de abril, tem pontos positivos e negativos. Esses mesmos elementos estão vendendo nossa terra, são funcionários da Funai e queriam fazer a cabeça do pessoal. Pedimos então para suspender a Assembléia uns 15 minutos ou uma hora para a gente poder dar uma resposta. Muita gente estava com dúvida. Este é o objetivo do Conselho de Segurança Nacional.

Eu lembro que quando chegamos em São Gabriel da Cachoeira, os Machado pularam no barco e disseram que o Caltha Norte era a salvação, que ira ter mais assistência, hospital, etc. É essa a jogada.

O ponto positivo foi que conseguimos organizar nossa federação. Somos gente e somos seres humanos. Estamos muito pressionados principalmente pela Paranapanema. Assim vocês estão vendo que a coisa não é simples.

A Igreja depois do Concílio, de Medellin e Puebla é uma Igreja que deve lutar em conjunto e por isso queremos o apoio dos senhores.

COMUNICAÇÃO DA UNIÃO À VII ASSEMBLÉIA NACIONAL DO CIMI

Goiânia, junho de 1987

Na oportunidade desta Assembléia nacional do Cimi em que a UNI - União das Nações Indígenas, foi convidada a participar como expositora em um painel sobre o Movimento Indígena; nós, consideramos oportuna uma breve avaliação do último período 85/87, em que basicamente se deram fatos mais relevantes no sentido da consolidação de um movimento indígena legítimo enquanto reconhecido pela comunidade, e autêntica na medida em que constrói a uma trajetória nas lutas do dia-a-dia das comunidades no enfrentamento com as forças da opressão.

Para sermos mais objetivos, seria importante relatar que nos últimos dois anos temos estabelecido um acompanhamento de cada um de todos os casos relevantes que envolveram os grupos indígenas nas mais variadas regiões do país, seja nos casos envolvendo expulsões de grupos indígenas das suas terras, quando temos buscado responsabilizar através de interpelações, seja jurídica ou com política às autoridades responsáveis pela garantia dos nossos direitos, assim nas questões de maior amplitude com as iniciativas do governo federal que enfoca desrespeito a princípio de Direitos humanos e da própria constituição brasileira, tem praticado ação que redundam na expropriação e lapidação das riquezas existentes nas áreas indígenas, bem como a invasão que é presença desrespeitosa perante iniciativa do nosso povo.

Citaríamos como exemplo neste caso o Projeto Calha Norte, abertura das áreas indígenas para mineração, assim como, a instalação de programas de barragens nas áreas indígenas. Nunca nos calamos diante desses fatos. Mas, evitamos, também, tomarmos iniciativas solitárias que não estivessem sintonizadas com a vontade das comunidades escondidas.

Cada uma dessas ações do Movimento Indígena tem se caracterizado pela cooparticipação e prévia definição do nosso povo.

Se por um lado é verdade que o Movimento Indígena avança na consolidação de uma representação política diante do estado, não podemos nos esquecer que também o estado passou a agir com muito mais firmeza contra o direito justo das comunidades indígenas. Um exemplo disso, é o trabalho que estamos fazendo junto a constituinte. Esta experiência de enfrentamento político dentro do Congresso tem nos colocado frente a frente com os setores autoritários que aos últimos anos têm sido responsáveis pela definição da política indigenista. Os representantes do Looby governamental para política indigenista não são mais simples técni-

cos da Funai ou mesmos seus dirigentes, mas estão sendo escolhidos hoje entre os homens do Conselho de Segurança Nacional.

Isto para nós é indicação de que daqui para frente teremos que trabalhar com muito mais clareza e segurança acerca daquilo que queremos. Pois, cada passo que avançamos, significará também, uma maior vigilância do Governo sobre a nossa organização e as nossas iniciativas enquanto movimento indígena. Não poderíamos omitir aqui, o apoio que tivemos dos companheiros frente ao secretariado nacional do Conselho Indigenista Missionário em que em momentos de dificuldades por onde passamos nessa luta manifestaram a disposição permanente de refletir conosco as estratégias e possibilidades de solução.

Entendemos que a continuidade deste avanço da organização neste país, passando pelo fortalecimento das iniciativas regionais, como no caso do conselho do Cimi regionais da "estruturação" de uma coordenadoria para a Bacia Amazônica, bem como da própria afirmação da recém criada da FOIRN, não se dará sem um efetivo apoio das ações coordenadas pelo Cimi em cada uma dessas regiões.

Manifestando a nossa expectativa de que os companheiros nesta Assembléia possam avaliar medidas que tenham como objetivo ampliação dos espaços e representações políticas da Comunidade Indígena; assim como, considerar a necessidade de que o Cimi se estruture para apoiar esta caminhada do Movimento Indígena rumo a sua plena afirmação como órgão de representação em defesa das populações indígenas.

Manuel Fernandes Moura  
UNI-AM

Apolônio Xocô  
UNI-NE

Orlando Melgueiro Silva  
Secretário do FOIRN